



**Applebaum, Anne** (Washington, 1964). Autora de um livro famoso, *Gulag, History of the Soviet Camps* (2003), que lhe mereceu o Prémio Pulitzer em 2004. Publicou também *Gulag Voices. An Anthology* (2011). É directora dos «Estudos Politicos» no Legatam Institute de Londres, onde escreve sobre transição política e económica. Licenciou-se em Yale. Casou em 1992 com R. Sikorki, que foi mais tarde ministro dos estrangeiros da Polónia.

O Gulag, enorme conjunto de campos de concentração soviéticos, só tem paralelo nos campos nazis de extermínio. O seu estudo é uma obra de referência, nesta área de tremenda desumanidade, que só seria extinta durante o mandato de Gorbachov. Foi criado em 1918, com Lenine, depois da revolução russa. Em 1929, Estaline expandiu o sistema para explorar a mão de obra de industrialização do país. Até à morte de Estaline, calcula-se que tenham passado pelo Gulag 18 milhões de prisioneiros. Applebaum relata-nos também as rebeliões dos anos 50 e, na «Introdução», conta-nos que comparando com os campos nazis, «a União Soviética encontrou outras formas de assassinar em massa centenas de milhares dos seus cidadãos. Normalmente eram levados para uma floresta durante a noite, alinhados, mortos com um tiro na cabeça e enterrados em valas comuns, antes que se aproximassem sequer de um campo de concentração, – uma forma de assassinio não menos *industrializada* e anónima do que a utilizada pelos nazis.» A páginas 150 da sua obra, a autora dá-nos um esquema geográfico, com a localização dos 93 campos de concentração soviéticos na Ásia. Finalmente interroga: «Quantos morre-

ram no Terror Vermelho e na guerra civil, nas vagas de fome que se seguiram à brutal política de colectivização, nas deportações em massa, nas execuções em massa, nos campos dos anos vinte, nos campos dos anos sessenta aos anos oitenta – bem como nos campos e nos assassinios em massa do reinado de Estaline. Neste caso, os números são não apenas muito mais elevados, como também constituem uma questão de pura conjectura. Os autores franceses de *O Livro Negro do Comunismo* falam em vinte milhões de vítimas. Outros autores citam números entre 10 e 12 milhões.»



**Belchior, Maria de Lourdes** (1923-1998). Professora universitária brilhante, é desta autora um livro notável onde a questão do dogma estruturalista, que tantos danos provocou nos alunos de literatura, ficou definitivamente esclarecida, com clareza e brilho. Intitula-se *Os Homens e os Livros II* (Séculos XIX e XX), publicado em 1971. É extensa a citação mas vale a pena lê-la.

«Com a voga da linguística e sobretudo com a aplicação discriminatória de certos métodos e fenómenos de carácter literário e ainda com a proliferação de terminologias, mais ou menos esotéricas, pareceu-me, em dado momento, que era a instauração da confusão de Babel. Confusão de terminologias, confusão de planos, confusão de conceitos... Celso Cunha alude a uma destas confusões, responsável aliás por muitos equívocos em linguística: a aplicação de métodos úteis para o rápido aprendizado de uma língua ágrafa ou de uma

língua segunda, a língua em que, como diz o código escrito consubstancia a norma de falar geral» (in *Confissões de Um Malogrado Editor de «Os Lusíadas»*, p. 234).

«Geneticamente dir-se-ia que depois do surgimento do «signo» e da exploração dos valores de «significante» e de «significado» irromperam como broteja nos tecidos da linguística, da teoria e da crítica literária, as mais desvairadas terminologias. Lexemas, semas, sintagmas, ordem icónica, texto, geno-texto, feno-texto, inter-texto, diegético, emissor e receptor, mensagem, discurso narrativo, discurso crítico – e não queremos exagerar ajuntando muitos mais termos – invadem as páginas crítica (?) contemporânea. O uso abusivo dum terminologia caótica e o novo-riquismo de certas amostras de vocabulário «crítico» justificam a reacção de alguns. Entre estes conta-se Carlos Drumond de Andrade de quem citei já em solene prova académica o poema «Exotismo», que transcrevo»:

*Da leitura sintagmática*

*Da leitura paradigmática do enunciado*

*Da língua fática*

*Da fatividade e da não fatividade na oração principal*

*Libera nos Domine.*

*Da organização categorial da língua*

*Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas semiológicos*

*Da concretez das unidades no estatuto que dialecaliza a língua*

*Da ortolinguagem*

*Libere nos Domine*

*Da camada imagética*

*Do espaço heterotópico*

*Das relações entre tropos e macrotropos*

*Do elemento suprassegmental*

*Libera nos Domine.*

*Da semia*

*Do sema, do semema, do semantema.*

*Libera nos Domine.*

*Etc.Etc.*

*Estas miudezas podem enfastiar os espíritos frívolos, mas para mim tenho que os menores episódios das vidas, predestinadas a grandes destinos, são factos ponderáveis nos ânimos reflexivos. Camilo, Coração, Cabeça e Estômago, cap.V.*



**Castelo Branco, Camilo** (Lisboa, 1825 – S. Miguel de Seide, 1890). Prolífero autor português com mais de trezentos títulos, de cuja publicação vivia exclusivamente. Os seus admiradores e estudiosos, como José Régio e Miguel Torga, amam-no com reservas, falando dos seus lampejos brilhantes. Por mim, admiro esses lampejos, que são de peso, mas dificilmente aceito o seu sentimentalismo e muito menos a sua constante variabilidade ideológica. Se tivesse que eleger algumas das suas obras, aquelas que releio sempre com prazer, registaria cronologicamente: *Memórias do Cárcere* (1862); *Amor de Perdição* (1862); *Vinte Horas de Liteira* (1864); *No Bom Jesus do Monte* (1864); *Coração, Cabeça e Estômago* (1868); *Novelas do Minho* (1875-1877).

No *Bom Jesus do Monte* relata o caso ultra-romântico, em que o próprio Camilo andou envolvido, de Fanny Owen, que tuberculizou virgem, depois de fugir com um tresloucado impotente. Do *Amor de Perdição* Camilo disse: «visto à luz da luz eléctrica do criticismo moderno, é um romance romântico, declamatório, com bastantes aleijões líricos e umas ideias celeradas que chegam a tocar no desaforo do